



REVIEW OF RESEARCH

ISSN: 2249-894X

IMPACT FACTOR : 5.2331(UIF)

VOLUME - 7 | ISSUE - 6 | MARCH - 2018



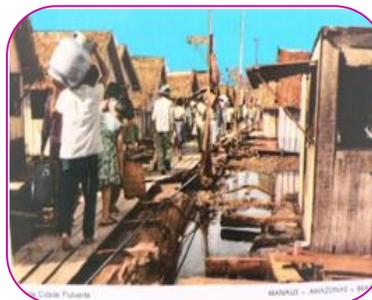
ZONA FRANCA DE MANAUS: PROCESSOS MIGRATÓRIOS E LUGARES DE MORADA, A GÊNESE DA MARGINALIZAÇÃO SOCIAL? (1983-1993)

Richardson Adriano de Souza

Graduado e Mestre em História pela Universidade Federal do Amazonas, bolsista-Capes 2015/16.

RESUMO

O presente artigo foi elaborado a partir da pesquisa de campo Prática e o Processo de Consolidação do Breakdance em Manaus de 1983 a 1993, nível de pós-graduação estrito sensu. A metodologia utilizada in locu ocorreram mediante entrevistas, cuja frequência estudada aponta que alguns bairros eram mencionados por colaboradores entrevistados primários, mediante também com a ferramenta do questionário misto (aberto e fechado). A hipótese principal partia do pressuposto que acerca do lugar de onde os protagonistas do Breakdance em Manaus na década de 1980, falavam, procurando assim, entender suas respectivas cargas intelectuais e emocionais advindas de suas experiências de vida da cidade de Manaus da época da implantação do Distrito Industrial, que resvalava nas manifestações culturais artísticas muitas vezes ressignificada em terras manauenses no período de 1983 a 1993.



Palavras Chaves: Manaus, Distrito Industrial, Migrações.

INTRODUÇÃO

Este artigo foi confeccionado a partir de trecho de Dissertação de Mestrado defendida por este que escreve em Julho de 2016, intitulada Estudo de Caso sobre a Prática e o Processo de Consolidação do Breakdance em Manaus de 1983 a 1993, que traz entre tantos assuntos abordados, o processo de ocupação de alguns bairros da cidade de Manaus capital do Amazonas no início da década de 1980. Para se chegar a resultados significativos, foi observado durante as entrevistas, a frequência com que alguns bairros eram mencionados por meus colaboradores entrevistados, sendo assim esta pequena contribuição acadêmica é resultado de intenso trabalho de pesquisa de campo, entrevistas com questionário aberto e fechado, confirmações e negações de resultados, ou seja, suas contradições decorrentes do andamento da pesquisa em si. A ideia principal deste trabalho era também mostrar o lugar de onde os protagonistas do Breakdance em Manaus na década de 1980, falavam, procurando assim, entender suas respectivas cargas intelectuais e emocionais advindas de suas experiências de vida e assim no decorrer da escrita da Dissertação trazer de á tona, na medida do possível a partir das análises de suas falas, sua forma de entender o mundo que os cercava e a própria representação social que provocavam, ao trazer dos bairros mais violentos e longínquos da cidade de Manaus da época, um novo tipo de produção cultural artística que uma que foi ressignificada em terras manauenses, ao mesmo tempo em os localiza no, meio social e econômico, vigentes no período estudado.

1. DÉCADA DE 1960, NEM TODO PROGRESSO É PARA MELHOR.

Os impactos da globalização na sua forma industrial, foram sentidos em vários níveis da sociedade da segunda metade do século XX e a Manaus no começo da década de 1960, que possuía bares, praças, cafês e

pequenos espetáculos teatrais, agora, já não bastavam para suprir as necessidades de divertimento de uma população crescente que chegou em ondas gigantescas não encontrando aqui as estruturas necessárias para conformá-la. O livro *Manaus; Praça, Café, Colégio e Cinema nos anos 50 e 60* de 2002, traz o depoimento de Edney AZANCOTH, Professor de História, ator teatral aposentado e escritor, que narra algumas transformações ocorridas na cidade de Manaus a partir da década de 1960, assim ele diz, “Era uma cidade pobre, porém não havia miséria, você conhecia as pessoas que pediam nas ruas (...) eu não via meninos de rua, essas gangues não existiam. A pobreza estava nos bairros de São Raimundo, Cachoeirinha e não existiam os favelões que existem hoje”.(2002. p. 43).

Através da fala do autor acima citado, parece haver uma visão romantizada da pobreza, onde apesar de todas as mazelas sociais, Manaus era *feliz* sabia disso, esse atestado de felicidade social, teria sido construído antes da década de 1960, como se a cidade gozasse de igualdade de direitos, acesso ao lazer, produções culturais, a renda fosse dividida de forma igualitária, a cidade tivesse sistema de água limpa esgoto em boa parte das casas, e que de forma abrupta todos esses problemas mencionados pelo autor, aparecessem do nada, sem motivo nenhum. De fato, os processos migratórios em massa que sucederam em Manaus, acarretaram e inflamaram esses problemas, mas, deve-se admitir ou pelo menos presumir que os mesmos já existiam, porém como a população da cidade era relativamente pequena, pode ser que não fossem sentidos nem contestados com tanta ou até nenhuma veemência, ou fossem usados como manutenção de um sistema viciado que serve eficazmente para fins eleitoreiros.

Para problematizar e contrapor-se ao que foi explicitado no parágrafo anterior, cabe ao pesquisador, indagar-se de; De qual cidade de Manaus estamos falando na década de 1970 e começo de 1980? Quais eram suas condições estruturais na época estudada? Segundo Vlândia Heimbecher Pinheiro (2014) já em 1972, um conteúdo jornalístico expunha sobre essa “desordem” com que a cidade se desenvolvia e afirmava, *Manaus está crescendo desordenada e parou de crescer para os lados. Agora, cresce para cima, fazendo brotar edifícios por todos os cantos, sem, no entanto, possuir uma estrutura planejada. Sem planejamento, a cidade se expande, fazendo com que os problemas de ordem urbanística comecem a surgir.*(JORNAL DO COMÉRCIO, 23/10/1972).

Ano	Amazonas	Manaus	Percentual da população da capital em relação ao da unidade da federação
1872	57.610	29.334	50,9
1890	147.915	38.720	26,2
1900	249.756	50.300	20,1
1920	363.166	75.704	20,8
1940	438.008	106.399	24,3
1950	514.099	139.620	27,2
1960	721.215	175.343	24,3
1970	960.934	314.197	32,7
1980	1.449.135	642.492	44,3
1991	2.102.901	1.010.544	48,1

Figura 1. Tabela demonstrativa da população de Manaus entre 1872 passando por 1970, 80 e 91, que mostra que em somente uma década a população aumentou 4% ao passo que a cidade continuava sem as devidas reformas estruturais que seriam necessárias para a conformação da crescente população da capital amazonense. Fonte: BENTES Norma, *Manaus e seus Contrastes Sociais*. Editora Valer. 2014. Manaus-AM.

O sistema habitacional tentava organizar a cidade por meio da construção de casas populares com vistas a conter o aparecimento de favelas nas áreas urbanas, mas por falta de justa distribuição e desorganização, esses projetos malograram em alguns cidadãos que conseguiram muitas casas e mais uma vez a maioria que realmente delas precisava, ficou sem casa e sem rumo não ser apelar para as *invasões de áreas verdes*, que foram degradadas para dar origem a novos bairros como Compensa, São Jorge, Santo Agostinho, Santo Antônio e alguns anos mais tarde, seriam fundados também por meio de invasões os bairros do Coroadó, São José 1, 2, e 3. Vlândia Heimbecher (2014) nos apresenta um fragmento de um texto veiculado no caderno promocional da prefeitura de Manaus, do ano de 1979. Nele, não se falou unicamente em

“urbanização de favelas”. Os bairros novos e as ocupações nomeadas de “invasões” compunham a cidade em expansão. O documento tinha por meta transformar favelados em cidadãos, conforme se escreve abaixo,

O desaparecimento da cidade flutuante aliado à desordenada emigração das populações do interior concorreu para a formação de favelas em Manaus. Inicialmente apareceu a da Compensa, seguida da Alvorada e Coroado. As três se multiplicaram. Era urgente, portanto, procurar uma solução. Essas populações menos favorecidas necessitavam de água, transporte, saúde, saneamento e educação. Eram problemas graves e de solução urgente. A Prefeitura estudou e procurou uma saída que finalmente, foi encontrada, levando o plano viário à favela. Com isso, foi possível urbanizar grande parte das favelas de Manaus. Atualmente, uma boa área da Compensa já foi transformada em bairro, o mesmo acontecendo com a Alvorada e Coroado. Essas medidas do governo municipal despertaram nos favelados um sentido de resposta. Assim, aqueles moradores, então favelados, começaram a melhorar suas casas, transformando-as de simples barracos de palha em moradias de alvenaria. Com isso, seus moradores deixaram de ser favelados para se transformarem em cidadãos que participam da comunidade integrando-se a ela em toda a sua plenitude e assumindo, em consequência, todas as correspondentes responsabilidades. (MANAUS, 1979).

O bairro da Compensa 1 teria se originado a partir da chegada de moradores que não conseguiram casas próprias, quando a cidade Flutuante de Manaus¹ foi desmantelada conforme atesta matéria jornalística do Jornal do Comércio ao dizer que,

O bairro da Compensa foi uma área invadida na década de 1960 por famílias removidas da Cidade Flutuante, chamada assim por serem as casas erguidas sobre balsas flutuantes na orla do Rio Negro, localizada ao sul do bairro, ainda no governo de Arthur César Ferreira Reis. A invasão não ocorreu de forma pacífica, pois a área pertencia à família Borel e tinha sido antiga propriedade de alemães. O que hoje é o bairro recebeu inicialmente o nome de Vila Sapé, depois de Cidade das Palhas e finalmente “o atual nome de Compensa, referência a uma antiga serraria que produzia lâminas de compensado” (12/01/2006).

Intelectuais renomados da cidade de Manaus criticavam o *inchaço* populacional da cidade e olhavam com desconfiança o aparecimento daqueles novos sujeitos urbanos. O exemplo disso têm-se as falas de Moacir de ANDRADE que analisa de forma nem um pouco positiva a nova situação por qual Manaus passava com a consolidação da Zona Franca junto com seu Distrito Industrial e afirmava em 1984,

*Agora tudo é Zona Franca, não se fala mais em borracha, castanha, sorva, ucuquirana, pau-rosa, couros, e outros produtos que outrora ocupavam as colunas de problemas econômicos divulgados diariamente nos jornais locais. Isso tudo já era, como diz a juventude de hoje. E para onde se dirige o nosso caboclo? Aqui para Manaus, **invadindo os grandes lotes de terras devolutas**. Bairro da Alvorada, Redenção (Planeta dos Macacos), Bairro do Coroado, Bairro da Compensa e muitos outros que neste exato momento estão nascendo já com imensa bagagem de problemas sociais infundáveis. A **marginalidade** geralmente instala seus esconderijos e exercita a criminalidade nesses bairros, depois, carregada de periculosidade se dirige para o centro da cidade onde realiza assaltos, homicídios e toda a sorte de malefícios (...) a **prostituição** é também outro grande problema alimentado pelos contingentes egressos do interior do Estado, que aqui ingenuamente são engajados aos muitos prostíbulos (...) nos centros dos bairros pobres, justamente para se tornar a isca atrativa de sua clientela. (1984. p. 193,194).*

Claramente, Manaus sofreu um intenso processo de crescimento populacional principalmente nos últimos 20 anos, o que acarreta muitos problemas estruturais, pois, via de regra, cidade nenhuma é preparada para receber grandes contingentes populacionais de forma tão intensa, como explica Ab’Sáber, de forma bem detalhada esse processo que levou ao quase colapso em vários âmbitos da cidade, notadamente a área de habitação. Assim ele coloca,

¹ “As formas da ‘cidade flutuante’ respondiam por um conjunto de casas de madeira, construídas sobre tronco de árvores capazes de torná-las flutuantes sobre as águas do rio Negro e igarapés de Manaus entre os anos de 1920, quando o ‘fausto’ da borracha chegou ao fim, e 1967, em meio à política de ‘integração’ nacional dos governos militares, quando se implanta na cidade uma zona de livre comércio, visando, em primeiro plano, retirar Manaus do marasmo econômico em que, oficialmente, se encontrava e, numa perspectiva macro, integrar uma região estratégica ao modelo internacional de produção capitalista” (SOUZA, 2010, p.14).

O crescimento populacional e Manaus reflete diretamente a instalação do distrito industrial da Suframa e o rápido e quase contínuo desenvolvimento comercial da Zona Franca. Calcula-se que, à época da proclamação da República, Manaus tivesse mais ou menos 10 mil habitantes. Ao fim do ciclo da borracha, a cidade atingiu 75 mil moradores. Nos dois censos de meados do século, a cidade registrou pouco mais de 100 mil habitantes: 108 mil em 1940, passando apenas para 110678 em 1950. Em 1970, nos primórdios de instalação da Zona Franca, a cidade deu um salto demográfico, atingindo 281685 habitantes. E, daí para frente, tornou-se uma cidade grande, registrando 611763 em 1980 e atingindo pouco mais de um milhão de pessoas em 1991 (1009774). O mecanismo de produção de espaços urbanos na região do baixo planalto de Manaus foi relativamente complexo, já que comportou inicialmente um modelo de crescimento de bairros carentes em posição interurbana segundo a tradição de “invasões” ao longo dos igarapés e, logo depois, uma periferização semi-ordenada, pelos quadrantes interiores do tabuleiro ondulado regional. (...) O crescimento demográfico, realizado basicamente por fortes correntes migratórias de todos os quadrantes da Amazônia Ocidental, Solimões e Médio Amazonas, deveu-se às ações múltiplas de criação de mercado de trabalho formal ou informal, precipitado pela implantação do distrito industrial da Suframa e da Zona Franca (p.220-222).

2. MORADIAS NA MANAUS OITENTISTA, TODO VAPOR RUMO À DESORGANIZAÇÃO SOCIAL.

Este trabalho tem como objetivo, mostrar um pouco da Manaus do final da década de 1970 com algumas de suas facetas sociais, econômicas mostrando de forma sucinta como a Zona Franca de Manaus alterou a vida da cidade em vários âmbitos, começando com a *explosão demográfica* juntamente com todos os problemas estruturais e institucionais advindos dessa falta de controle populacional. Problemas estes que se refletem na falta de moradia para todos, aumento da desigualdade de distribuição de renda e a invasão de áreas verdes propiciando o surgimento de novos bairros afastados do centro da cidade. Nessa direção, apresento meu primeiro entrevistado, o senhor Ulisses Almeida de Oliveira, nascido no ano de 1961 em Manaus no bairro da Cachoeirinha próximo à Rua Tefê na zona centro sul da cidade, ficando naquela área até os 12 anos de idade e posteriormente mudando-se para o bairro de São José 1 bem no começo da década de 1980. Filho de pai com apenas o ensino básico e que trabalhava de pintor e mãe analfabeta. Ulisses se recorda de sua casa na Cachoeirinha ser de madeira em cima de um córrego chamado *deigarapé* onde só era possível chegar caminhando sob *asmarombas*², ou seja, estreita ponte de madeira improvisada e na época das chuvas alagava uma parte das casas chegando muito perto da sua casa. Ele foi criado pelo seu padrasto, vindo do município do Careiro da Várzea juntamente com sua mãe que trabalhava no distrito industrial para criar tanto ele, quanto seu irmão, aliás, sua mãe trabalhava na linha de produção de uma empresa do Distrito Industrial de Manaus e quase não tinha tempo de falar tanto com ele ou com seu irmão, pois, a rotina de trabalho no distrito Industrial de Manaus era muito longa e cansativa para ela. Esse panorama da maioria de trabalhadores da linha de montagem de fábricas como a Dismac está descrito por Milton Melo (2010) da seguinte maneira;

Para a ida ao banheiro, são cinco minutos, caso demore mais cinco minutos é anotado na ficha do indivíduo, o atraso. O pessoal do escritório não pode comunicar-se com ninguém da produção. Inaugurou-se um restaurante novo, mas devido ser mais distante que o antigo, houve problema de horário com pessoal que se atrasou. Os trabalhadores fizeram uma reunião e foram reclamar o pouco tempo, e conseguiram quinze minutos para merendar. Mas acontecia que mesmo assim as pessoas que foram merendar (depois do expediente) tiveram uma surpresa: o chefe dos motoristas deu ordem para todos os ônibus saírem no horário determinado, deixando muitas pessoas que deveriam ir nas rotas porque foram merendar (sic)[...]. Agora continua a luta pela merenda. (ARQUIVO P.O. JORNAL O PARAFUSO – 05/88).

João Pinheiro Salazar fala sobre como a Zona Franca de Manaus exerceu atração a população que se deslocou para a cidade a partir de sua instauração, afirmando ser a ZFM, “tudo aquilo que para cá veio sem gozar dos benefícios daquele decreto, e aí estão incluídos todos os emigrantes”, o que faz do “problema habitacional”, social, parte dela (SALAZAR, 1985, p.143-145). Um estudo da U. A. (Universidade do Amazonas) apresentado em 1992 mostrava que;

² A descrição foi feita a partir da descrição dada pelo entrevistado.

Em 1988, 54,5 das famílias viviam com até dois salários mínimos, em 1991, as estimativas davam nota de 260.000 mil crianças viviam estado de absoluta pobreza. Segundo o mesmo jornal, o Distrito Industrial fez com que 48,5 da população se concentrasse em Manaus sendo que a mesma possuía somente 5% de rede de esgoto. De cada 1000 crianças que nasceram em 1989, 74 morreram, mostrando alto índice de mortalidade infantil, sendo resultado de doenças parasitárias na sua maioria. De 40 crianças entrevistadas na Feira apenas três (3) frequentavam a escola e só dois (2) tinham pais trabalhando no Distrito Industrial o que confirma a participação maior das crianças no, quadro da economia informal.(Fonte: Jornal A Crítica 14 de Abril de 1992).

Como descrito acima por vários autores, a situação infra-estrutural de Manaus no começo de 1980, não era das melhores e atingia sempre os mais desfavorecidos economicamente. Por isso uma de minhas perguntas a meu entrevistado Ulisses Almeida, foi em direção àquele fato. Assim eu perguntei; Qual era a situação de seu bairro na década de 1980? Ao passo que ele responde,

Eu cheguei ao Bairro de São José 1 por volta de 1981 e o bairro estava começando então somente a ruas principais foram abertas mas não existianem água encanada então eu meu irmão padrasto, carregavam água em carinhos de rolimã que vinha de um poço artesiano na parte de cima do bairro. Não existiam escolas e muito menos lugares de lazer (...). Apenas foram abertas e asfaltadas as ruas principais numa gigantesca área verde loteada e dividida em quadras pelo governo do então governador Gilberto Mestrinho, segundo ele, as benfeitorias básicas demorariam anos pra serem concluídas, mas me recordo que o Bairro do Coroadó já tinha infraestrutura completa e quando passavam de ônibus rumo ao centro da cidade, a gente prestava muita atenção nisso (...) (Entrevista concedida por Ulisses Almeida em 12 de Abril de 2016, Manaus-AM).

De fato, em matéria de 24 de Março de 1983, o jornal A Notícia trazia informações sobre o a ação do governo do Estado do Amazonas em fazer o cadastramento de pessoas para possível aquisição de lotes no que viria a ser o bairro São José 3, pois, já existiriam cerca de 20.000 (vinte mil) pessoas ocupando terrenos de forma irregular e por isso, para organizar esta situação teria que ser feito um cadastro e nem a chuva típica da época de Março atrapalhou aquelas pessoas que alegavam não ter moradia. Paradoxalmente não obstante esse caos habitacional, a próxima figura, traz a matéria do jornal A Crítica do ano de 1993, mostrando que apesar das mazelas sociais sofridas por grande parte da população, o Distrito Industrial colecionava recordes de produção e lucros gerando fortunas em impostos, mas nem por isso esse dinheiro foi revertido para melhorar a situação social daquelas pessoas.(Vide Anexo)



Figura 2. Crianças brincando em meio a terreno invadido no bairro do São José 2. Fonte Jornal Diário do Amazonas de 13 de Março de 1983. Fonte: Acervo da Biblioteca Pública do Estado do Amazonas.



Figura 3. Matéria do Jornal A Notícia de 03 de Janeiro de 1984, mostrando a falta de saneamento básico no bairro da Japiimlândia em Manaus. Fonte: Acervo da Biblioteca Pública do Estado do Amazonas.



Figura 4. Jornal A Crítica de 27 de Junho de 1993 que mostra crescimento da produção da Zona Franca relatando os “Bons Tempos” que estriam voltando, mas a pergunta seria; Para quem? Fonte: Acervo da Biblioteca Pública do Estado do Amazonas.

3. A CONSTRUÇÃO DO ESTEREÓTIPO DE MARGINAL A PARTIR DOS LUGARES DE MORADA

A ideia de que alguém que mora longe do centro da cidade, num lugar sem a devida infraestrutura, é por definição dada ao malfazejo, está bem clara nessa fala de Moacir de Andrade, muito parecida com que se dizia dos lugares onde moravam os negros fugidos depois da tão falada libertação dos escravos, que não tinham alternativa social a não ser, servirem de mão de obra barata para patrões inescrupulosos, ou ainda a visão dos portugueses e franceses que tentavam recrutar à força os nativos erroneamente chamados de índios para trabalho forçado, chamando-os de preguiçosos, dados a todo tipo de vícios e não confiáveis. Para Sidney Chaloub,

A construção da ideologia do trabalho fazia parte de uma “reforma moral”, na qual a ociosidade, ou as experiências particulares de pobres que compunham “classes perigosas”, representava ameaça à vida social urbana, pautada pela produção capitalista. Para o autor, “já que ideologicamente quase se equivalem os conceitos de pobreza, ociosidade e criminalidade – são todos atributos das chamadas ‘classes perigosas’-, então a decantada ‘preguiça’ do brasileiro, a ‘promiscuidade sexual’ das classes populares, os seus ‘atos fúteis’ de violência etc. parecem ser, antes que dados inquestionáveis da ‘realidade’, construções ou interpretações das classes dominantes sobre a experiência ou condições de vida experimentadas pelos populares. Estas noções, contudo, não se confundem com a experiência real de vida dos populares, nem são a única leitura possível desta experiência. (1986. p.71-80).

Durante muito tempo, os jornais e emissoras de tv locais consolidaram a **imagem do marginal**, classificando-os pelo lugar de morada onde estariam os maiores índices de criminalidade³ na década de 1980 e 1990, na maioria das vezes eram **programas policiais que exploravam a violência cotidiana**, comandados por algum apresentador local que algum tempo depois se elegia para algum cargo político. Porém, as raízes dessa palavra estariam ligadas ao modo de produção capitalista e seu sistema de uso e desuso de seres humanos para seus fins e descarte social quando não mais úteis. Quando alguém imagina e generaliza comportamentos subversivos apenas pela menção do nome lugar de morada e vivência, pressupõe que os indivíduos que ali habitam estão em nível de inferioridade social e mental sem forças para resistir aos processos que estão além de sua compreensão ocupando seu lugar social determinado, o qual não pode e não deveria deixar nunca. Mas segundo Kowarick,

O conceito de marginalidade acabou por abranger todo e qualquer fenômeno que redundasse em última análise, numa forma de exclusão dos benefícios inerentes à sociedade urbano-industrial e este tema não pode ficar ligado apenas a uma questão de carência de consumo, seja de bens materiais, seja do tipo cultural. Assim, esse sentido, o importante é atentar para os mecanismos que estão na origem do processo de marginalização. (1985. p. 35).

Pelos relatos obtidos até agora, não tenha se verificado explicitamente *discriminação racial*, mas sim, diretamente social e talvez a racial estivesse ali incluída de alguma forma implícita. Pelas entrevistas até agora coletadas e aqui explicitadas, pode-se auferir que por enquanto o simples fato de morar na Compensa 1, assim como em outras parte mais distantes da área central da cidade, implicaria em automático juízo de valor em relação a seus moradores no que diz respeito à sua conduta e sua utilidade e atuação no mercado de trabalho, assim sendo, são usado epítetos não muito honrosos como; *marginalidade, prostituição, assaltos*, dentre tantos outros que não eram dispensados, por exemplo, aos frequentadores de cabarés requintados ou às festas particulares organizadas por famílias tradicionais em busca de prestígio social localizados no centro de Manaus. Acredito que nenhuma representação de um grupo social é construída usando somente um parâmetro, mas sim, que essa construção se dá através de junção de vários parâmetros que se coadunam para formar a imagem que se quer disseminar e fazer predominar no imaginário de qualquer sociedade, principalmente na sociedade industrial urbana, como é o caso de Manaus e tantas outras capitais do Brasil e do mundo.

4. AS INVASÕES DE ÁREAS VERDES E SUA DEGRADAÇÃO ECOLÓGICA

Meu próximo entrevistado é o senhor, Jorge Wauler dos Santos Brandão, nascido em Manaus, em 28 de Abril de 1966 no bairro de São Jorge, segundo ele, na época, permeado por pontes e casas de madeira em cima das águas do igarapé do Bariri que corre em direção ao centro da cidade. Jorge é órfão de pai que era alagoano, chegando aqui na década de 30, morreu aos 37 anos de idade e era funcionário do antigo INAMPS⁴, era músico e dançava dança de salão e Jorge naquele momento tinha três anos de idade, portanto, foi criado só pela mãe ele diz que o pai deixou alguns terrenos e um carro, mas a mãe não soube administrar e perdeu tudo

³Em Dissertação de Mestrado apresentado á Faculdade de Estudos Sociais. *Mortalidade em Manaus: caracterização e espacialização dos homicídios, diferenciais socioeconômicos e demográficos das vítimas residentes em área urbana*, Antônio Gelson de Oliveira Nascimento afirma que “Em Manaus as taxas de mortalidade por homicídio, que cresceram suas médias anuais a partir da década de 1980 e a taxa de homens mortos era muito acentuadas chegando a 35,37, sendo que em 1979/1981, a taxa era de 20 por 100 mil habitantes”. (2006, p. 60).

⁴Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social, o INAMPS foi criado pelo regime militar em 1974 pelo desmembramento do Instituto Nacional de Previdência Social (INPS), que hoje é o Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS); era uma autarquia filiada ao Ministério da Previdência e Assistência Social (hoje Ministério da Previdência Social), e tinha a finalidade de prestar atendimento médico aos que contribuam com a previdência social, ou seja, aos empregados de carteira assinada. Disponível em:

<http://sistemaunicodesaude.weebly.com/histoacuteria.html> Acessado em 20 de Abril de 2016.

sendo depois obrigada a trabalhar de costureira, lavadeira, vendia bombons na porta de escolas, para criar os filhos, mas eram muitos irmãos e o dinheiro era pouco, por isso, quando criança, Jorge ia ao lixão quase diariamente catar sucata pra vender e conseguir algo pra ajudar em casa. Ele diz, “minha mãe era de **Urucurituba**, e veio pra Manaus a fim de trabalhar na casa de uma família como doméstica e só estudou até a quarta série mas gostava de ler revistas e jornais e por isso falava muito bem, ela apostou em mim achando que iria resolver a situação dos outros irmãos, mesmo eu sendo mais novo deles, querendo que eu estudasse mas com muita dificuldade conseguiu terminar o Segundo Grau, na escola Polivalente em 1987 aos 21 anos de idade. A ele fiz a pergunta sobre as condições de seu bairro na década de 1980 a qual ele me respondeu; *Na época que eu cheguei aqui no bairro da Japiimlandia, era um tipo de invasão com alguns igarapés, mas sem esgotos e a população começou a poluir tudo usando os igarapés pra dejetos de banheiros e a água era desviada do conjunto Japiim.* Por isso o pessoal do outro lado da ponte me batia por que dizia que eu era favelado como se, só porque eu morava (sic) do outro lado da ponte eu fosse culpado por aquilo que acontecia. (Entrevista concedida por Jorge Wauller em 28 de Fevereiro de 2016 em Manaus-AM).

Durante as décadas de 1960 e 1970, a cidade de Manaus sofreu um verdadeiro tipo de imigração em massa que trouxe consigo pessoas de diversas partes do Brasil e do mundo para viver aqui em busca do Novo Eldorado, logicamente que os epíteto acima descrito a Manaus, fazem parte da lembrança contida em informações trazidas pelos meios de comunicação em massa que propagavam essa ideia a fim de atrair braços para o parque industrial que a florava com toda força.

Como consequência, é notável a chegada de paraenses vindos de Belém e Santarém, nordestinos advindos do Ceará, Paraíba, Maranhão, Alagoas além de pessoas do sul e sudeste do Brasil como Cariocas, Paulistas e Gaúchos. Essas pessoas passaram a migrar para a região Norte, especialmente para o Amazonas em busca de melhores condições de vida. Sem esquecer-se dos ribeirinhos que aqui chegavam em busca de *vida melhor*, atraídos pela propaganda informal de emprego fácil e possível mobilidade social. Conforme aponta Aldair ANDRADE,

A cidade de Manaus passou a exercer força de atração sobre muitas pessoas tanto dos diversos municípios do Estado quanto de Estados vizinhos, pela possibilidade de oferta de emprego e melhores condições de vida. Falamos em possibilidade, porque efetivamente nem todos os que migraram para Manaus ou trabalharam no PIM, tiveram condições de vida mais favoráveis ao se tornarem industriários. (2012, p. 5).

O aumento desenfreado da população de Manaus reflete-se em problemas sociais de toda ordem, pois a cada ano chegam 2 milhões de pessoas nas 12 maiores regiões metropolitanas do Brasil. Segundo Carlos MINC,

Este fluxo congestionava os serviços, tradicionalmente precários, exige a captação de água cada vez mais distante, a ampliação dos gasômetros, a construção de mais viadutos, demais presídios aumentam a poluição e o congestionamento. A partir de um determinado patamar, situado em torno de 2 milhões de habitantes, cada novo habitante custa mais caro aos municípios do que o anterior. (2001. p 236).



Figura 5. A legenda diz: *As primeiras construções de casas feitas de palha, 1969.* Fonte: Jornal A Notícia, 1969. Disponível em <http://manausdeantigamente.blogspot.com.br/> Acessado em 15 de Outubro de 2015.

No final da década de 70 do século XX, começa a expansão para as zonas administrativas Leste e Norte fosse por ocupações regulares e/ou irregulares, “O uso do solo tornou-se mais estratificado e as novas ocupações que foram se formando na cidade já surgiram bem mais marcadas pelo nível de renda dos seus habitantes” (LAVIERI & LAVIEREI, 1999, p. 48) Efetivamente Já no início da década de 1980, começou um intenso processo de ocupação das áreas periféricas da cidade mais afastadas dos grandes centros. A expansão para zonas administrativas leste e norte, seja por ocupações regulares (através de bairros planejados como Cidade Nova) ou irregulares, através de invasões de áreas verdes (como os bairros do Alvorada 1, 2 e 3, São José 1, 2 e 3). Muitos dos maiores bairros que existem atualmente na cidade de Manaus, surgiram naquela década e foram oriundos de invasões indiscriminadas de áreas verdes.

São eles; os bairros de Coroado, São José Operário, Zumbi dos Palmares, Armando Mendes e Cidade Nova (único planejado verdadeiramente), que possuem grandes concentrações populacionais nas zonas leste e norte e são responsáveis pelo agravamento de problemas relacionados à ocupação desordenada do solo, destruições da cobertura vegetal, poluição dos corpos d'água e deficiência do saneamento básico, ou seja, junto com a imigração em massa e falta estrutura urbana vieram o caos ecológico e social. No começo dos anos de 1990, Manaus, assim como todo o Brasil, sofria as consequências de planos econômicos fracassados, sistema educacional falido e desemprego em massa principalmente nas linhas de montagem do Distrito Industrial, alcançando grande parte da população, sendo notadamente os jovens de periferia de Manaus, os mais atingidos por esta situação, por fazerem parte da população apartada dos serviços sociais mais básicos, como água potável, sistema de esgotos, por exemplo, já que Manaus tem apenas 22% desse serviço. Norma BENTES (2014) mostra o contraste desta situação, com aquilo que ela chama de ilhas *de modernidade, civilidade e prosperidade*, dos bairros mais nobres de Manaus como Vieiralves e Adrianópolis que tem toda a infraestrutura para seus moradores desde sua inauguração, pois junto com alguns bairros da Zona Norte, foram um dos poucos lugares planejados para receber moradores em Manaus. Segundo MARICATO, *A segregação ambiental é uma das faces mais importantes da exclusão social e parte ativa dela. A dificuldade de acesso aos serviços e infraestrutura soma-se a menos oportunidades de profissionalização, maior exposição à violência, discriminação racial, discriminação contra mulheres e crianças, difícil acesso à justiça oficial, difícil acesso ao lazer. (2000. p. 17).*

Os dados acima mostrados trazem um pequeno panorama social e econômico daquela época, que eram guardadas as devidas proporções, geográficas, étnicas e políticas, análogas às enfrentadas tanto nas periferias dos Estados Unidos quanto em Manaus. Notam-se alguns traços em comum do ambiente social e econômico que traria à tona as experiências de vida política que ampliam o espaço de luta daqueles jovens por reconhecimento dentro da sociedade vigente de então. Em sua Dissertação de Mestrado que tem o título de *OHabitar na Cidade*, Vlândia Pinheiro (2014) aponta que até meados da década de 1960 e 70, os espaços urbanos e aglomerados de Manaus, estavam limitados às zonas administrativas sul, centro-sul, oeste e centro-oeste. Abaixo temos uma matéria do Jornal do Comércio que fala com pouco entusiasmo dos atos que decretaram a fundação do Bairro do Japiim no final da década de 1960 em Manaus. Assim falava a reportagem claramente panfletária do governo militar de então;

*Com o apoio do Governo Federal, por intermédio do Banco Nacional da Habitação, construir tanto seja preciso para a grande faixa de amazonenses que **ainda vivem à margem dos igarapés**, em condições sub-humanas de habitação...(..) **terreno sadio e limpo**, com água encanada, luz elétrica, esgotos...(..)..*se inicia mais um, em Manaus, este o maior não somente do país, mas de toda a América Latina. Terá **nada menos de dez mil casas**, fazendo do bairro do Japiim, onde começa a ser erguido, uma verdadeira cidade dentro da outra, isto é, na capital amazonense.(..) Não raro, vêm de locais onde suas crianças, a falta de espaço limpo para brincar, **dividiam com galinhas e porcos o terreno sujo e lamacento** de que dispunham. Agora, todavia, passarão para um bairro que se ergueu **planejadamente**, aí cada coisa tendo seu lugar certo.(..)..*numa mini cidade onde a ordem e a racionalização lhes darão **melhores hábitos, possibilitando-lhes a evolução social**...(..) Pagarão prestações mensais geralmente inferior ao valor dos alugueres que antes pagavam pelas moradias que jamais seriam suas.(Jornal Do Comércio, 31/01/1969).Negritos da autora citada.***

Nem mesmo o processo de realocação de moradores para o bairro do Japiim, ocorreu de forma tão organizada como a reportagem acima dizia, pois o conjunto foi entregue com diversos problemas estruturais conforme aponta o Portal do Japiim⁵

*Durante a década de 1970, os moradores do bairro tinham suas atividades de lazer em torno do Igarapé do Rodrigues, mas este foi perdendo seus atrativos depois que ocorreram as primeiras invasões onde hoje se formou a Japiimlândia, uma das três localidades que se juntam para formar o bairro do Japiim, comprometendo a qualidade da água do igarapé. Neste período, o bairro experimentou forte crescimento demográfico, dividindo-se em Japiim I, Japiim II e Japiimlândia. Esta última se desenvolveu a partir de uma **invasão** e se estende até a área chamada de Pantanal, cujo limite vai até o Igarapé do 40 e engloba também a comunidade de nome Santa Clara. As inúmeras invasões ocorridas em torno do bairro comprometeram seu desenvolvimento urbanístico, social e econômico, trazendo degradação ambiental e insegurança pública. Foi em 1970 também surge o Japiim 2, com inauguração da segunda etapa do conjunto, que passou a ser conhecido também por Japiim porque no local onde se desenvolveu o bairro havia grande número de pássaros dessa espécie, que acabaram batizando o novo espaço habitacional. Devido ao conjunto ter sido entregue sem rede de distribuição de água, os primeiros moradores utilizavam o igarapé do Rodrigues, um pequeno afluente da calha do 40⁶, que hoje cruza a avenida Tefé, para lavar roupa e louça e para o banho diário.*

CONCLUSÃO

A partir do que foi explicitado neste trabalho através de dados estatísticos, tabelas, depoimentos de entrevistados, diversos autores e imagens da época estudada, conclui-se que as promessas de *melhoria de vida* do sistema capitalista na sua forma de exploração de mão de obra industrial, não trouxeram na prática, as benesses por ele prometidas de forma igualitária a todos os seus executores nos nichos mais baixos da sociedade manauense do início da década de 1970, 1980 e 1990. As imigrações em massa de pessoas oriundas do interior do Estado do Amazonas, de outros Estados e até mesmo de outros países, encontrou aqui, uma cidade pequena e sem infraestrutura para suportar o peso de uma superpopulação que queria possuir bens materiais duráveis, casas, criar seus filhos, enfim que lhe fossem permitidos com seu trabalho na linha de montagens das fábricas e conseguir para tornarem-se *cidadãos plenos*. O fato é que a realidade da vida no Distrito Industrial era bem difícil e o processo desorganizado de urbanização e criação de políticas habitacionais foi sempre dirigido de formas eleitoreiras, o que resultou na perpetuação das invasões de áreas verdes da cidade, destruindo assim, mananciais de águas limpas, áreas de preservação, trazendo consigo todas as cargas sociais negativas que aqueles lugares oferecem, solidificando, com a ajuda de intelectuais tendenciosos da época, a criação do *estereótipo de marginal* a partir do seu lugar de morada.

BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE Aldair de. *Migração para Manaus e seus reflexos socioambientais*./Revista Somanlu, ano 12, n. 2, jul./dez. 2012.
- ANDRADE, Moacir. *Manaus: Ruas, Fachadas e Varandas*. Manaus: Humberto Calderaro. 1984.
- AZANCOTH in AGUIAR, José Vicente de Souza. *Manaus Praça, Café, Colégio e Cinema nos anos 50 e 60*. Manaus-AM, Editora Valer, Governo do Estado do Amazonas.2002.
- BENTES Norma, *Manaus Realidade e Contrastes Sociais*, 2 edição, 2014, Manaus- AM, apoio FAPEAM.
- CHALOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim. O cotidiano dos trabalhadores do Rio de Janeiro da Belle Époque*. São Paulo: Brasiliense.1986.
- HEIMBECKER, Vlândia Pinheiro Cantanhede. *Habitar na Cidade, Provisão Estatal de Moradia em Manaus*. Dissertação de Mestrado, 2014.
- KOWARJCK, Luci. *Capitalismo e marginalidade na América Latina*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.1985.

⁵Disponível em: <http://portaldojapiim.blogspot.com.br/2009/03/historia.html>/Acessado em 14 de Maio de 2016.

⁶ Um dos muitos igarapés que cortam a cidade de Manaus e que na época era usado como balneário por grande parte da população nos finais de semana.

MARICATO, Ermínia. As ideias fora do lugar e o lugar fora das ideias: Planejamento urbano no Brasil. In: A cidade do pensamento único: desmanchando consensos. Otilia Arantes (org). 2ª. Edição. Petrópolis. Vozes, 2000.

MINC, Carlos. *A ecologia nos barrancos da cidade*. In. *O desafio da sustentabilidade: Um debate sócio ambiental*. VIANA, Gilney; SILVA, Marina e DINIZ, Nilo (org). São Paulo. Editora Perseu Abramo, 2001.

POSTAL. **Cidade Flutuante**. Autor desconhecido. Cidade flutuante. Símbolo da migração para a cidade de Manaus e Desmobilizada pelo Governador Militar Arthur Reis por volta de 1964.

Availablein: http://4.bp.blogspot.com/_Q5hNnsGjVdg/TSE4hkdx9aI/AAAAAAAAABrw/ZKn0fQ8HzpY/s1600/Cidade+Flutuante+%25281%2529.JPG